

Francisco Petrarca

O meu segredo

Introdução e tradução de Paula Oliveira e Silva¹

Introdução

Considerado por muitos o pai do movimento humanista italiano, e tomado, ele e a sua produção literária, como o termo *ad quem* do marco cronológico da designada Idade Média, Francisco Petrarca (1304-1374) é um escritor prolixo. Entre a sua vasta obra tem lugar este livro *Secretum*, cuja data de composição se costuma apontar entre os anos 1342 e 1343. A obra é rica de conteúdo em diversos aspetos, desenvolvendo um modo de reflexão na primeira pessoa conhecido na história da literatura e, até, da filosofia em obras como as *Confissões* de Agostinho, o *De consolatione philosophiae* de Severino Boécio, ou a *Historia Calamitatum mearum* de Pedro Abelardo.

O *Secretum* está escrito sob forma de um diálogo entre Petrarca e Agostinho, introduzido por uma aparição da verdade, sob forma de mulher virgem, etérea e luminosa, onisciente quanto à história dos homens e à vida de Petrarca. Ela mesma, a verdade, encaminha Petrarca para o diálogo, que espera terapêutico, com o Pai Agostinho, pois por um lado, de há muito conhece a amizade entre ambos, e, por outro, encontra ela semelhanças de percursos vitais, entre o santo, que agora vive na eterna beatitude, e o amargurado Petrarca. Nos umbrais desse movimento intelectual, caracterizado por uma viragem cultural e de mentalidades face à idade média, e que se veio a designar por humanismo italiano, o *Secretum* de

¹ Professora Auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Via Panorâmica s/n; 4150-564 Porto, Portugal. Email: pvsilva@letras.up.pt.

Petrarca contém elementos paradigmáticos desse momento de charneira: o recurso à literatura clássica, o regresso a Platão e aos Pais da Igreja, o desprezo pela filosofia de escola e o interesse pela dimensão imanente e pelo humano do homem, estão aqui presentes a cada página. Interessante notar é, desde logo, a substituição da interpelação direta da verdade, pela mediação do homem Agostinho. É um diálogo entre humanidades, o que aqui se propõe. Se o Agostinho das *Confissões* é o homem que rasga o seu íntimo aos homens mediante o diálogo direto com o Deus-Verdade, o Petrarca do *Secretum* é o homem que, precedido pela verdade, dialoga com o humano de si mesmo, optando por fazê-lo com o grande especialista em humanidade que reconhece em Santo Agostinho. Se Agostinho em *Confissões* proclama e confessa, reconhecido, o seu itinerário, entre paixões humanas e divinas, de conversão ao Deus de todos os homens, o Petrarca do *Secretum* analisa a sua consciência, no diálogo com o Agostinho médico e taumaturgo. Aliás, esse mesmo aparece aqui como sendo o propósito de Agostinho: colocar Petrarca ante a própria consciência, como aquela dimensão subjetiva mais próxima e profunda, onde se manifesta o testemunho da verdade. Situar-se perante a consciência não é porém posicionar-se, como fizera Agostinho, ante Deus, lugar da verdade.

Sub-repticiamente, é uma inversão de paradigma, a que aqui Petrarca propõe ao homem do seu tempo, face ao modelo medieval, mesmo àquele de filiação agostiniana – é a consciência, lugar imanente de diálogo de si consigo mesmo, que mostra ao homem aquilo que ele é, e não a transcendente verdade, que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Talvez por isso Petrarca apareça no diálogo renitente à conversão, pois esta é dom de Deus e apenas lhe resta esperar que lhe advenha. Não pode o homem Petrarca operar em si a superação das debilidades, abrindo-se à graça. Por si próprio, e mesmo desejando a mudança, Petrarca afirma nada conseguir no processo de conversão. Agostinho reafirma-lhe que, se não consegue mudar, isso se deve ao seu débil querer. No diálogo, o estado interior de Petrarca é analisado detalhadamente, aferida a adesão da sua alma a cada uma das paixões. Ponderado o peso da alma, esta é por Agostinho considerada franzina e renitente à conversão. Petrarca, por seu turno, retalia, afirmando que não se converte por não poder, não por não querer. E assim mesmo termina o diálogo, confiando-se Petrarca à misericórdia divina, pois dele não depende a superação da miséria. Ao invés, Agostinho, representante de uma filosofia da imanência sulcada pela transcendência, exigiria mais de Petrarca. Este, inaugurando um paradigma

de uma imanência entregue a si própria, proclama não poder ir mais longe na luta contra a paixão. Para além do belíssimo estilo literário, em diálogo com a tradição multissecular teológica e filosófica, e, em particular, com o património recebido por via de Santo Agostinho, de quem Petrarca sempre foi admirador consagrado, esta obra ergue-se como paradigma de mudanças estruturais, abrindo passo a uma nova forma de compreender a subjetividade que assinalará a imagem de homem na modernidade.

Tradução

Francisco Petrarca²
O meu segredo
(Proémio e Livro I, 1-18)

Proémio

Absorto em mim mesmo, pensando, como faço com muitíssima frequência, no modo como entrei nesta vida e como dela haverei de sair, aconteceu – não como costuma acontecer ao espírito doente, esmagado pelo sono, mas inquieto e bem acordado – parecer vir à minha presença, quem sabe por que caminhos, uma certa mulher, de idade inefável, dotada de luz e forma poucas vezes compreendida pelos homens. E todavia tanto as vestes como o rosto anunciavam uma virgem. Admirando-me eu ao observar a luz inusitada, e não ousando levantar os olhos para os raios que o sol do seu olhar emitia, ela falou-me assim: “ Não te deixes confundir, nem te perturbe com a minha beleza inusitada. Compadecida dos teus erros, desci do alto para te prestar um auxílio oportuno. Desde há muito, demasiado tempo, até ao presente, contempleste a terra com olhos de trevas que, se até agora se agradaram destas realidades mortais, que esperas vir a acontecer depois, se os elevares às eternas?” Tendo eu ouvido estas palavras, e tomado ainda de pavor, respondi a custo, com voz trémula, aquele verso de Virgílio:

“ Como te chamarei, ó virgem?

² Texto traduzido a partir da edição do *Secretum* preparada por Antonietta Bufano para a edição italiana publicada pela editorial UTET (Turim, 1975) e reproduzida por Enrico Fenzi, em Francesco Petrarca, *Secretum. Il mio segreto*. A cura di Enrico Fenzi (edizione commentata, bilingue), GUM, Mursia, Milano, 1992, pp. 95-121, para o texto que aqui traduzimos. A obra consta de um Proémio e de três Livros. Aqui apenas apresentamos a tradução do Proémio e de parte do Livro I (1-18).

De facto, o teu não é um rosto mortal, nem a voz ressoa humana”³.

Eu sou aquela – disse ela – que descreveste na nossa *África*⁴ com certa elegância subtil e para quem ergueste – com arte verdadeiramente admirável e, para falar com propriedade, com mão de poeta, não com menos vivacidade que a usada por Anfião de Tebas, no extremo ocidente e sobre o mais alto cume de Atlanta – um palácio esplêndido e de suprema beleza. Vamos, tem coragem, escuta agora sem temor e não te deixes intimidar pela presença daquela que outrora afirmaste, com palavras hábeis, te ser bastante familiar”. Ainda ela terminava estas palavras, já eu meditava comigo todas estas coisas, e nada mais me ocorria do que fosse a própria verdade que falasse. De facto, recordava que tinha descrito o palácio dela sobre os montes de Atlanta. E, contudo, ignorava de que região viesse, embora tivesse a certeza de que não podia vir a não ser da celeste. Por isso, desejoso de a ver, torno a olhá-la, e eis que o olhar humano não suportou a luz etérea. Então, deixo de novo cair o olhar por terra. Conhecendo isso, após um breve momento de silêncio, ela retomou a palavra e, uma vez e outra, à força de pequenas perguntas, forçou-me também a falar muito com ela. Compreendi que daí me adveio um duplo bem. De facto, tornei-me um pouco mais sábio e, um pouco mais seguro por causa do próprio diálogo, e comecei a poder olhar fixamente aquele rosto que, pouco antes, me atemorizara com o seu esplendor. Agora que já o sustentava sem temor, enquanto me uno a ela atraído pela sua admirável doçura, olhando em redor para ver se estava alguém com ela ou se tinha entrado só nos segredos da minha solidão, vejo junto a ela um homem de idade avançada, de aspeto venerável e majestoso.

Não foi necessário perguntar o nome. O aspeto sagrado, a modéstia do rosto, o olhar penetrante, a dignidade do porte, a veste africana mas a eloquência romana, indicavam bastante claramente que se tratava do gloriosíssimo pai Agostinho. Acrescia uma disposição de espírito mais doce do que a da maioria dos homens, que não me deixava lugar a

³ Virgílio, *Eneida*, 1, 327-328.

⁴ O poema épico intitulado *Africa* está escrito em hexâmetros dactílicos e compõe-se de nove livros. Dedicada ao Rei de Nápoles, Roberto d’Angiò, esta obra foi considerada pelo próprio Petrarca como a sua obra-prima, tendo-lhe valido a coroação como Poeta no Capitólio.

dúvidas. Porém, nem por isso terei permanecido em silêncio, e já tinha na boca as palavras do que haveria de perguntar, e a voz já estava mesmo para me sair dos lábios, quando de repente, pela boca da verdade, se escutou aquele nome que me é tão agradável. Voltada pois para ele, e interrompendo a sua profundíssima meditação, disse assim:

“És para mim caro entre mil, Agostinho! Conheces este teu devoto, e não se te oculta quão perigosa e extensa é a doença que o atinge, que, pelo facto de o próprio enfermo se afastar do conhecimento da doença que lhe é própria, mais o aproxima da morte. Por isso, agora deve reflectir-se sobre a vida deste moribundo, obra de piedade que nenhum homem pode realizar melhor do que tu. Na verdade, ele sempre amou profundamente o teu nome. Ora, todo o ensinamento se caracteriza pelo facto ser derramado com maior facilidade no espírito do ouvinte por um mestre amado. E tu - a não ser talvez que a atual felicidade te tenha feito esquecer as muitas misérias de que padeceste enquanto permanecias aprisionado no cárcere do corpo – suportaste-as semelhantes às deste. Sendo assim, és excelente médico, especialista destas paixões, e, embora nada seja mais aprazível do que a meditação taciturna, peço-te contudo que rompas este silêncio com voz sagrada que me é particularmente grata, tentando, se puderes, encontrar auxílio para mitigar chagas tão profundas.»

Ao que ele respondeu: – “Tu és minha guia, conselheira, senhora e mestra: por que desejas, então, que fale eu, estando tu presente?” Ela respondeu: – “ Transmita-se a voz humana ao ouvido do homem mortal. Este recebe-a com melhor disposição de ânimo. Mas para que tudo aquilo que escute de ti se considere como dito da minha parte, ficarei presente. – “Obriga-me a obedecer tanto o amor pelos enfermos, como a autoridade de quem ordena”, disse ele. Entretanto, olhando-me com benevolência e confortando-me com um abraço paterno, levou-me para um lugar mais apartado, tendo-nos precedido ligeiramente a Verdade. Aí sentamo-nos juntos os três. E, finalmente, julgando ela de cada um em silêncio, longe de toda testemunha, deu-se início a um longo diálogo entre ambos, e, pela abundância de matéria, prolongou-se por três dias. Nele, embora se tenham dito muitas coisas contra os costumes dos nossos tempos e as mais difusas culpas dos homens, a tal ponto que a acusação não parece voltar-se apenas contra mim, mas contra todo o género humano, contudo, aquelas coisas de que eu era acusado ficaram-me mais profundamente

gravadas na memória. Portanto, para que um colóquio tão íntimo não viesse porventura a cair no esquecimento, tendo decidido pô-lo por escrito, redigi este pequeno livro: não que eu o queira enumerar entre as minhas outras obras, ou que espere obter fama dele (tenho algo maior em mente), mas para poder saborear pela leitura, sempre que quiser, a mesma doçura que experimentei nesse colóquio.

Tu, portanto, livrinho, esquivando-te ao encontro dos homens, contentar-te-ás em permanecer comigo, lembrado do teu próprio nome. De facto, *tu és o meu segredo* e assim te chamarás. E, quando eu estiver imerso em ocupações mais elevadas, tal como guardaste tudo aquilo que foi dito no recôndito, no recôndito mo recordarás. Eu, de facto, para evitar, como diz Cícero, introduzir muitos “disse, e disseste”, e para que se veja que o assunto é tratado entre pessoas presentes, distingui as minhas frases das do meu egrégio interlocutor sem mais palavras do que as do nome próprio. Aprendi certamente este modo de escrever do meu Cícero. E ele próprio antes o tinha aprendido de Platão. Mas para não ir mais longe, ele dirigiu-me primeiro estas palavras.

Começa o Livro I

AGOSTINHO – Que fazes, pobre homem? Que sonhas? O que esperas? Esqueceste a tal ponto as tuas misérias? Não te recordas que és mortal?

FRANCISCO – Certamente que recordo e este pensamento nunca assoma ao espírito sem um certo horror.

A. – Oxalá recordasses, como afirmas, e começasses a ocupar-te de ti! De facto, ter-me-ias poupado muitas fadigas, uma vez que realmente é absolutamente verdade que nada se descobre mais eficaz para desprezar os prazeres desta vida e para dispor o espírito no meio de todas tempestades do mundo do que a recordação das próprias misérias e a frequente meditação da morte, a qual não insinua levianamente, ou superficialmente, mas penetra até à medula dos próprios ossos. Mas receio muito que, neste assunto, te enganes a ti próprio, como vi que tantos outros o fazem.

F. – De que modo, pergunto eu? De facto, não entendo claramente de que estás a falar.

A. – E, no entanto, em tudo o que respeita à vossa condição, ó mortais, não há nada que mais me admire, nada me espanta mais do que a diligência com que favoreceis as vossas misérias e fingis desconhecer o perigo que envolvem, e afastais aquela consideração, se se apresenta.

F. – Como?

A. – Pensas que haja alguém louco ao ponto de, afetado por uma doença perigosa, não desejar maximamente a saúde?

F. – Julgo que ninguém será tão louco.

A. – E então? Pensas que haverá alguém tão preguiçoso e indolente de espírito que não se aplique com todo o empenho àquilo que deseja com todo o coração?

F. – Também não duvido disso.

A. – Se tu e eu estamos de acordo nestes dois aspetos, então também é necessário que haja acordo no terceiro.

F. – Qual é esse terceiro?

A. – Que, tal como quem tiver reconhecido, por meio de uma profunda e intensa meditação, que quem é infeliz deseja não ser infeliz, e quem escolher isto começou a persegui-lo, assim também quem tiver começado a persegui-lo também o poderá alcançar. Portanto, é evidente que este terceiro só pode ser impedido por falta do segundo, tal como o segundo só será impedido por falta do primeiro. Assim, é necessário que a raiz da salvação humana se detenha justamente naquele primeiro. Vós, porém, insensatos, e tu, talentoso ao ponto de o ser em prejuízo próprio, esforçai-vos, com todos os laços dos prazeres terrenos, por extirpar dos vossos corações esta raiz salutar – coisa que, dizia, me horroriza e me espanta. Portanto, sois justamente punidos, quer pelo arrancar dela, quer pelo desprezo das demais.

F. – Esta, de facto, como julgo, é uma questão mais demorada e carece de mais palavras. Portanto, se for do teu agrado, adiamo-la para outra altura, quando já estiver mais seguro sobre o que se seguirá. Voltemos ainda por um pouco ao precedente.

A. – O modo de proceder deve adaptar-se à tua lentidão de espírito; portanto detém-te onde te parecer.

F. – Eu não vejo esta consequência.

A. – Que obscuridade envolve, e de onde provém agora a dúvida?

F. – Dado que as coisas que desejamos ardentemente e que nos esforçamos por alcançar são inumeráveis e, no entanto, não há fadiga ou diligência que no-las faça ou tenha feito alcançar.

A. – Nas demais coisas não nego que isso não seja verdade, mas naquilo que agora tratamos sucede o contrário.

F. – Por que motivo?

A. – Porque aquele que deseja despir-se da própria miséria, desde que o desejo verdadeira e plenamente, não pode desiludir-se por tal desejo.

F. – Pai, que estou eu a ouvir! São efetivamente poucos os que consideram que não lhes faltam muitas coisas. E todo aquele que se voltar para si próprio compreende como isto é verdade. Por conseguinte, ao menos neste aspeto hão-de reconhecer que são infelizes. Por isso, porque uma enorme quantidade de bens faz que sejam felizes, é necessário que o que quer que falte deles faça que sejam infelizes. Todos queriam livrar-se desta profunda miséria, mas é absolutamente evidente que são pouquíssimos os que o conseguem fazer. De facto, há muitos que são permanentemente atribulados pelo sofrimento – pelo estado desfavorável de saúde do corpo, pela doença, pela morte de entes queridos, a prisão, o exílio, a pobreza, e outras coisas do género, que é tão moroso enumerar quão difícil e misérrimo é suportar; e que, embora sejam totalmente importunas para os que delas padecem, contudo, como vês, não se podem desferir. A meu ver, portanto, não se pode duvidar de que muitos são infelizes não o querendo, e absolutamente contra sua vontade.

A. – É necessário fazer-te retroceder muito mais para atrás e, como costuma acontecer com os adolescentes tardos de espírito e distraídos, é preciso voltar atrás, uma e outra vez, ao ponto de partida dos argumentos. Na verdade, julgava que fosses mais maduro, e não pensava que ainda necessitasses de advertências tão pueris. E realmente se tivesses dado à memória as sentenças verdadeiras e salubérrimas dos filósofos, que com frequência releste comigo; se – dir-te-ei sem ofensa – tivesses estudado por ti e não por outros; e se tivesses encaminhado a leitura de tantos livros não para o frívolo aplauso do vulgo e para a vanglória, mas para regular a tua vida, não dirias coisas tão insensatas e rudes.

F. – Não sei o que preparas. Porém, agora já o rubor invadiu o meu rosto e experimento o que, repreendidos pelo mestre, é costume nos alunos. Tal como eles, antes de escutarem o nome do crime cometido,

lembrando-se das muitas coisas que fizeram mal, se confundem à primeira palavra de quem os castiga, também eu, consciente da minha ignorância e dos meus muitos erros, mesmo se não entendo ainda onde conduz o teu discurso - pois sei que não há nada que não se me possa imputar - me enchi de rubor antes do fim do discurso. Peço-te que me digas, então, mais abertamente: de que me censuras com tanta acrimónia?

A. – De muitas coisas, das quais depois falaremos. Agora, apenas me indigna que estejas convencido de que possa acontecer que alguém seja infeliz contra vontade.

F. – Já deixo de corar de vergonha. De facto, poder-se-á pensar algo mais verdadeiro do que isto? Ou haverá alguém tão ignaro acerca das realidades humanas, e tão afastado de todo o convívio dos mortais que não entenda que a indignação, as dores, a ignomínia, em suma, as doenças e a morte, e todo este género de males, que se consideram ser absolutamente miseráveis, acontecem a muitos contra vontade e nunca voluntariamente? Daí que seja verdade que é muito fácil reconhecer e odiar a infelicidade própria, mas não assim livrar-se dela. Pois as duas primeiras dependem de nós, mas a terceira está no poder da fortuna.

A. – A vergonha mereceria a indulgência do erro. Porém, indigna-me mais a impudência do que o erro. De facto, de que modo te puderam escapar, insensato, aquelas palavras filosóficas e santíssimas: “nenhum daqueles que pouco antes nomeavas pode ser infeliz”? De facto, se só a virtude torna o espírito feliz, o que já foi demonstrado muitas vezes, e com argumentos muito válidos, por Marco Túlio e por muitos outros, segue-se com absoluta necessidade que só o contrário da virtude pode afastar da felicidade. E recordarás qual é este contrário, mesmo que eu o silencie, a não ser que tenhas entorpecido de todo.

F. – Recordo, de facto. Remetes-me para os preceitos dos estoicos, que se afastam da opinião comum e mais perto estão da verdade teórica do que da prática.

A. – Serás infeliz entre todos os homens, se pretendes indagar a verdade a partir dos delírios da multidão ou se, conduzido por cegos, pensas vir a alcançar a luz. É necessário que fujas do caminho percorrido por todos e que, aspirando a realidades mais elevadas, empreendas o caminho assinalado a pouquíssimos, se quiseres ser digno de escutar aquele verso:

“Ó jovem, seja louvada a virtude que nasce em ti! Assim se alcançam os astros!”⁵

F. – Oxalá eu os possa alcançar antes de morrer! Mas peço-te que prossigas. Não perdi toda a vergonha e não duvido que se devem preferir as sentenças dos estoicos aos erros do vulgo. Espero então ver o que queres concluir daqui.

A. – Se estamos de acordo quanto ao facto de que ninguém é nem se torna infeliz a não ser por causa dos seus vícios, que necessidade há de mais palavras?

F. – Pelo facto de que me parece ter visto que muitos, entre os quais eu próprio, sofrem sobretudo por não se poderem libertar do jugo dos vícios, não obstante se esforçarem por o fazer durante toda a vida com todas as suas forças. Por isso, mesmo estando de pé a afirmação dos estoicos, pode admitir-se que muitos são infelizes contra sua vontade, padecendo por esse facto e desejando o contrário.

A. – Divagámos um pouco, mas aos poucos estamos a voltar ao princípio, a menos talvez que tenhas esquecido de onde partimos.

F. – Tinha começado a esquecer, mas volto a recordar-me.

A. – Tinha-me proposto mostra-te que a meditação da morte e da miséria humana é como que o primeiro degrau para sair da estreiteza da nossa condição mortal e para nos elevarmos mais alto. O segundo é o desejo ardente e o empenho em se elevar. E, uma vez dados estes passos, tinha-te prometido uma fácil ascensão para aquela meta que tanto desejas alcançar. A menos talvez que agora te pareça o contrário.

F. – Jamais ousarei dizer que penso o contrário. De facto, desde a minha adolescência cresceu comigo uma tal opinião a teu respeito que, se tivesse julgado alguma coisa em contrário, reconheceria que ter-me enganado.

A. – Para com adulações, por favor. E dado que, segundo me parece, prestaste assentimento às minhas palavras não tanto por convicção quanto por reverência, dou-te a liberdade de, quando falares, dizeres tudo o que pensas.

F. – Embora ainda com receio, quero fazer uso da liberdade que me concedes. E, para não falar de outros homens, esta, que sempre assistiu a

⁵ Virgílio, *Eneida* IX, 641.

todos os meus atos, me é testemunha - como tu és também – de quantas vezes considerei a minha condição miserável e mortal, com quantas lágrimas me esforcei por lavar a minha imundície. Contudo, coisa que não posso dizer sem deplorar, como vedes, até agora tudo foi em vão. Portanto, é isto que me leva a duvidar da verdade da tua afirmação, pela qual te esforças por provar que ninguém pode precipitar-se na infelicidade a não ser de espontânea vontade, e que só é infeliz quem o quer ser. Ora, em mim faço a triste experiência do contrário.

A. – Este é um queixume já antigo e que não terá fim. E não obstante o ter feito tantas vezes inutilmente, contudo não desistirei de te repetir que nem se torna infeliz, nem o é, quem não o quer ser. Mas, como te tinha começado a dizer, existe no espírito humano uma perversa e pestilenta libido que faz que ele se engane a si próprio, e nada há de pior nesta vida. De facto, se com razão temeis o engano por parte dos familiares, porque a confiança depositada em quem vos engana faz cair a necessária cautela, e também porque as suas vozes brandas vos soam constantemente ao ouvido - duas coisas que não sucedem com os estranhos; quanto mais deveis temer o engano que procede de vós próprios, onde o afeto, a confiança e a familiaridade são tais que cada um se tem em maior conta do que aquela que deve e se ama mais do que convém, e onde, além disso, quem engana nunca se separa de quem é enganado.

F. – Hoje usaste com frequência essas palavras. Mas, que eu me lembre, nunca me enganei a mim próprio. Oxalá não me tivessem enganado os outros!

A. – Agora mesmo te enganas sobremaneira, quando te glorias de nunca o teres feito. Contudo, não tenho em tão pouca consideração o teu carácter, ao ponto de perder a esperança de, se aplicares o espírito afincadamente, poderes ver por ti próprio que ninguém se precipita na infelicidade a não ser por espontânea vontade. A nossa discussão fundamenta-se precisamente nisto. Diz-me então, por favor – mas pensa, antes de responder, e prepara um espírito não de contenda, mas ávido de verdade; diz-me: que homem pensas tu que pecou por coação, uma vez que os sábios dizem que o pecado é uma ação voluntária, até ao ponto de que, se a vontade está ausente, também o está ausente o pecado? Ora, sem pecado ninguém é infeliz, o que já há pouco me concedeste.

F. – Estou a ver que paulatinamente me afasto da minha posição e sou obrigado a confessar que o princípio da minha infelicidade procede

do meu próprio arbítrio. Isto é o que eu experimento em mim, e presumo-o nos outros. Mas tu também hás-de confessar uma verdade.

A. – Que pretendes que confesse?

F. – Que tal como é verdade que ninguém cai senão voluntariamente, também será verdade que, sendo muitos os que caíram por sua vontade, não é por sua vontade que permanecem prostrados, coisa que posso afirmar com toda a certeza de mim mesmo. E julgo que isso me seja dado como punição. Pois já que não quis estar de pé quando podia, agora, que o desejo, não consigo levantar-me.

A. – Apesar de esta posição não ser de todo insensata, contudo, uma vez que reconheceste que erraste quanto ao primeiro aspeto, será necessário que confesses o mesmo quanto ao segundo.

F. – Portanto, para ti, “cair” e “permanecer prostrado” são uma e a mesma coisa?

A. – Pelo contrário, são distintas. Mas “ter querido” e “querer”, mesmo se diferem quanto ao tempo, na sua essência e no espírito de quem quer são o mesmo.

F. – Estou a perceber com que laço me cercas. Contudo, não é mais forte o lutador por ter obtido a vitória com um artifício, mas é somente mais astuto.

A. – Falamos diante da Verdade, que é amiga de toda a simplicidade e inimiga da astúcia. E para que o vejas mais claramente, prossigamos daqui para a frente com toda a franqueza.

F. – Nada posso escutar com maior agrado. Diz-me, portanto, uma vez que de mim se fez menção: com que argumentos me demonstrarás que o facto de eu ser infeliz – e não ponho em causa que o sou – permanece ainda agora porque eu o quero, quando, bem ao invés, nada encontro de mais difícil de suportar, nada é mais avesso à minha própria vontade, porém sem ser capaz de o ultrapassar?

A. – Se permanece o nosso acordo, mostrar-te-ei que deverias usar outras palavras.

F. – De que acordo estás a falar? Que palavras me aconselhas a usar?

A. – Tínhamos chegado a acordo de que, tendo colocado de parte os laços das falácias verbais, nos dedicaríamos ao estudo da verdade com pureza e simplicidade. Ora, as palavras que quero que uses são estas: onde disseste – “não sou capaz de ultrapassar”, debes dizer – “não quero”.

F. – Nunca chegaremos ao fim porque eu não posso admitir isso. De facto, sei – e tu és minha testemunha – quantas vezes quis e não fui capaz. Quantas lágrimas derramei e que de nada aproveitaram.

A. – Sou testemunha das muitas lágrimas, mas não da vontade.

F. – Valha-nos Deus! Creio que não há ninguém que possa saber quanto sofri, quanto o desejei levantar-me, e como o teria feito, se me tivesse sido possível.

A. – Silêncio! O céu e a terra se fundirão e as estrelas se precipitarão no Alverne e os elementos ora concordes entrarão em conflito, antes que Aquela que se ergue juiz entre nós se possa enganar.

F. – Mas que estás a dizer?

A. – Que o remorso te fez muitas vezes derramar lágrimas, mas não mudou a tua vontade.

F. – Quantas vezes te disse que não consegui fazer mais?

A. – Quantas vezes te respondi antes que não quiseste? Mas também não me admiro que estejas mergulhado nesta incerteza, na qual eu também outrora fui lançado, quando procurava tomar um novo rumo para a vida. Puxei os cabelos, bati na testa, torci os dedos, e finalmente, apertando os joelhos entre as mãos, enchi o céu e os ares de gemidos profundos e impregnei o solo com as minhas lágrimas. E no entanto, no meio de tudo isto, permaneci aquele que era, até que uma profunda meditação colocou diante dos meus olhos toda a minha infelicidade. E depois de ter querido plenamente, imediatamente fui capaz, e com miraculosa e felicíssima celeridade fui transformado em outro Agostinho. Se não me engano, conheces estas vicissitudes da leitura das minhas *Confissões*.

F. – Certamente que conheço e não posso esquecer a salutar figueira à sombra da qual aconteceu esse milagre.

A. – Ainda bem, porque nem o mirto, nem a era, nem o louro, amado, segundo dizem, por Apolo - ainda que ao seu redor se junte o coro dos poetas e tu à sua frente, porque só tu, no teu tempo, mereceste levar a coroa tecida com os seus ramos –, devem ser mais caros ao teu espírito (se finalmente voltares ao porto depois de tantas tempestades), do que a recordação daquela figueira, mediante a qual se te apresenta uma segura esperança de correção e perdão.

F. – Nada tenho a opor, prossegue o que tinhas começado.

A. – Tinha começado e continuo. Aconteceu contigo o que costuma acontecer com muitos a quem se pode aplicar aquele verso de Virgílio:

A mente permanece imutável, as lágrimas deslizam em vão⁶.

Podia de facto ter recorrido a muitos exemplos, mas contentei-me com este que te é familiar.

F. – Fizeste bem. De facto, nem eram precisos mais, nem nenhum outro me teria descido mais fundo ao coração, sobretudo porque – embora com a enorme distância que separa um naufrago e aquele que já alcançou o porto com segurança, aquele que é feliz e o que é infeliz – eu reconheço, nas minhas tempestades, uma semelhança com as tuas flutuações. Por isso, cada vez que leio os livros das tuas *Confissões*, suspenso entre dois afetos contrários, a esperança e o medo, com alegria mas não sem lágrimas, parece-me que estou a ler não a história de um outro, mas a do meu próprio peregrinar. A partir de agora, prossegue como te parecer, pois abdiquei de toda a contenda. Estou disposto a seguir-te, não a colocar-te obstáculos.

A. – Não peço tanto. Pois se é verdade o que um doutíssimo escritor disse,

A verdade se perde no excesso de discussão⁷,

também é um facto que uma disputa moderada conduz com frequência à verdade. Portanto, nem convém estar sempre a assentir em tudo, o que é próprio de um espírito torpe e preguiçoso, nem contestar com afínco as verdades evidentes, o que é indício claro de uma mente litigiosa.

F. – Compreendo e aprovo, e porei em prática o conselho. Prossegue então.

A. – Reconheces, portanto, que era verdadeira – e que era um resultado já adquirido – aquela afirmação segundo a qual o conhecimento

⁶ Virgílio, *Eneida* IV, 449.

⁷ Macróbio, *Satur.*, 2 7 10-11; A. Gélio, *Noct. Att.*, 17 14 3-4, é atribuída a Publílio Sio (Cf. *Rer. Mem.* 3 91 5-7; *De ign.* 4, p.1096. *Fam.* 1 7 3 vem atribuída a Varrão.

perfeito da própria infelicidade implica um desejo perfeito de sair dela?
Ao desejo, segue-se a capacidade de o executar.

F. – Já decidi acreditar em tudo o que dizes.

A. – Vejo que há algo que ainda te agasta. Diz, então, seja lá o que for.

F. – Não é outra coisa senão o facto de não me conseguir convencer que não tenha querido até agora aquilo que sempre acreditei querer.

A. – Ainda hesitas. Para terminar com esta discussão, admito que alguma vez o quiseste.

F. – Que estás a dizer?

A. – Será que não te recordas daquele verso de Ovídio:

Querer é pouco; para atingir o objetivo é necessário que desejes ardentemente?⁸

F. – Entendi. Mas pensei que também tinha desejado.

A. – Estavas enganado.

F. – Acredito.

A. – Para que acredites com maior firmeza, consulta a tua própria consciência. Ela é a melhor intérprete da virtude, o juiz infável e veraz das ações e dos pensamentos. Ela te dirá que nunca aspiraste de modo conveniente à salvação, mas de modo mais negligente e lânguido do que exigia a consideração de tantos perigos.

F. – Tal como me ordenas, comecei a perscrutar a minha consciência.

A. – E que encontras nelas?

F. – Que é verdade o que dizes.

A. – Avançámos alguma coisa. Eis que comesas a despertar. Já será para ti uma melhora, se reconheceres o mal que estavas antes.

F. – Se basta reconhecer isso, então acredito que em breve não estarei bem, mas otimamente. Não me parece ter compreendido nada com mais clareza do que o facto de nunca ter desejado com bastante ardor a libertação e o fim das minhas misérias. Porém, bastar-me-á desejá-lo doravante?

A. – Com que finalidade?

F. – Para não fazer nada mais.

⁸ Ovídio, *Ex Ponto* 3, 1 35: [cit. Em Fam., 4 1 13.]

A. – Estás a pôr uma condição impossível: que fique inerte quem deseja ardentemente o que pode alcançar.

F. – Então de que aproveita o próprio desejo?

A. – Seguramente abrirá o caminho por entre as dificuldades. Por isso o próprio desejo da virtude é já uma grande parte da virtude.

F. – Deste-me um enorme motivo de esperança.

A. – É para isso que te falo, para te ensinar a esperar e a temer.

F. – Em que sentido hei-de temer?

A. – Diz antes: como esperar?

F. – Na medida em que se até agora fiz não pouco esforço para me não tornar péssimo, tu agora abres-me um caminho para me tornar ótimo.

A. – Talvez não tenhas pensado até que ponto este caminho seja laborioso.

F. – Por que razão aumentas novos medos? Por que razão dizes ser tão laborioso?

A. – Porque se este “desejar” se diz com uma só palavra, na prática ele consiste em inumeráveis coisas.

F. – Aterrorizas-me.

A. – E, no entanto, passando em silêncio as coisas que estão contidas neste desejo, quantas são aquelas que ele deve destruir, para crescer!

F. – Não entendo o que queres dizer.

A. – Ninguém pode alcançar de modo pleno este desejo, a não ser que ponha fim a todos os demais desejos. Conheces a quantidade e variedade de coisas que se podem escolher na vida. Para ascenderes ao desejo da suprema felicidade, primeiramente deves desprezar todas as outras realidades. E tal felicidade é seguramente menos amada por aquele que, juntamente com ela, amar outra coisa, porque não a ama por si mesma.

F. – Conheço essa afirmação.

A. – Quão poucos serão, portanto, os que terão conseguido extinguir todos os desejos desenfreados, os quais seria longo já não digo de extinguir, mas mesmo apenas de enumerar; os que terão colocado o freio da razão no seu espírito; os que ousarem dizer: “já nada tenho em comum com o corpo. Tudo quanto se vê é imundície. Aspiro a realidades mais sublimes”.

F. – Este género de homens é absolutamente raro e agora entendo a dificuldade com que me ameaçavas.

A. – Naturalmente, para que o desejo seja pleno e livre, não basta que aqueles apetites sejam eliminados. De facto, quanto mais o espírito se eleva ao céu pela sua própria nobreza, tanto mais o agrava o peso do corpo e as seduções terrenas. Assim, enquanto desejais ora subir, ora permanecer nas realidades imas, dispersos em ambas as coisas, não realizais nenhuma delas.

F. – Que pensas, então, que se deve fazer, para que, com o espírito intacto, quebradas as cadeias terrenas, sejamos elevados às realidades supernas?

A. – A este objetivo conduz, certamente, aquela meditação que referi desde o início, a recordação contínua da vossa condição mortal.

F. – Se não me engano, também neste aspeto ninguém mais do que eu se ocupou deste pensamento.

A. – Nova questão e mais outra fadiga.

F. – Então porquê? Também nisto estou de novo a mentir?

A. – Queria ter-to dito com mais delicadeza.

F. – Porém, é isto que pensas.

A. – De facto, não é outra coisa.

F. – Então eu não penso acerca da morte?

A. – Muito raramente, e de modo tão superficial que o teu pensamento não penetra na região mais profunda da tua miséria.

F. – Pensava o contrário.

A. – Não me importa aquilo em que acreditavas, mas aquilo em que deverias acreditar.

F. – Nunca mais acreditarei em mim mesmo, se me mostrares que também neste aspeto estava enganado.

A. – Mostrar-te-ei com toda a facilidade, se induzires o espírito a confessar de boa-fé a verdade. Usarei para isso um testemunho que nos é próximo.

F. – Qual?

A. – A tua consciência.